



Comissão
Europeia



PIONEIROS DA UE

Os pioneiros que contribuíram
para moldar a Europa de hoje



COMISSÃO EUROPEIA

Direção-Geral da Comunicação
Serviço editorial e medidas de sensibilização específicas
1049 Bruxelas
BÉLGICA

Manuscrito concluído em julho de 2021
Primeira edição

Print	ISBN 978-92-76-10818-4	doi:10.2775/676481	NA-02-19-702-PT-C
PDF	ISBN 978-92-76-10801-6	doi:10.2775/25217	NA-02-19-702-PT-N

A Comissão Europeia não é responsável, em caso algum, pelas eventuais consequências da reutilização desta publicação. Na Internet encontram-se disponíveis mais informações sobre a União Europeia (<https://www.europa.eu>).

Luxemburgo: Serviço das Publicações da União Europeia, 2021
© União Europeia, 2021



A política de reutilização dos documentos da Comissão Europeia é regida pela Decisão 2011/833/UE da Comissão, de 12 de dezembro de 2011, relativa à reutilização de documentos da Comissão (JO L 330 de 14.12.2011, p. 39). Salvo indicação em contrário, a reutilização do presente documento é autorizada ao abrigo da licença «Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)» da Creative Commons (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>). Tal significa que a reutilização é autorizada desde que seja feita uma menção adequada da origem do documento e que sejam indicadas eventuais alterações.

Para qualquer utilização ou reprodução de elementos que não sejam propriedade da União Europeia, pode ser necessário obter autorização diretamente junto dos respetivos titulares dos direitos.

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

Todas as fotografias © União Europeia, salvo indicação em contrário.

Pioneiros da UE

Os pioneiros que contribuíram para moldar a Europa de hoje

Reunindo combatentes da resistência e sobreviventes do Holocausto, figuras políticas, e até uma estrela de cinema, os líderes visionários evocados nesta brochura inspiraram a criação da Europa que conhecemos hoje. Os pioneiros da União Europeia (UE) são um grupo de personalidades heterogêneas movidas pelo mesmo ideal: uma Europa pacífica, unida e próspera.

Muitos trabalharam para pôr fim aos conflitos na Europa na sequência dos horrores de duas guerras mundiais e para promover a paz e a solidariedade entre os povos. Foram defensores acérrimos dos valores fundamentais da União Europeia: liberdade, democracia e igualdade; respeito pela dignidade humana, pelos direitos humanos e pelo Estado de direito; e solidariedade e proteção para todos os membros da sociedade.

A presente brochura visa divulgar os seus contributos para os fundamentos da UE. Trabalharam pela paz e a prosperidade e para erradicar a exclusão social e a discriminação. Contribuíram para desenvolver os sistemas que conduziram à estabilidade económica e, posteriormente, a uma moeda única, e defenderam a rica história cultural da Europa.

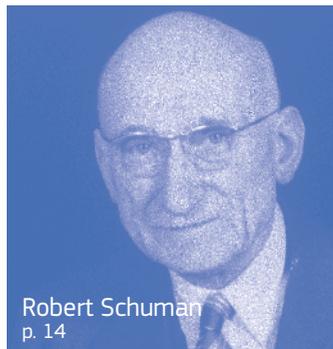
Sem a sua determinação e imaginação, não viveríamos no espaço de paz e estabilidade que é a Europa de hoje.

Estas curtas biografias são apenas um apanhado dos artigos completos disponíveis em linha em:

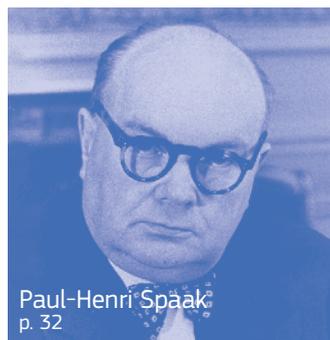
https://european-union.europa.eu/principles-countries-history/history-eu/eu-pioneers_pt



Índice



Jean Monnet.....	6
Konrad Adenauer.....	8
Louise Weiss.....	10
Alcide De Gasperi.....	12
Robert Schuman.....	14
Simone Veil.....	16
Joseph Bech.....	18
Marga Klompé.....	20
Winston Churchill.....	22
Helmut Kohl e François Mitterrand.....	24



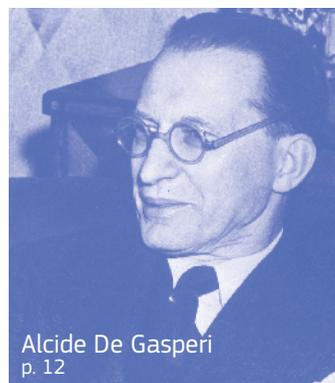
Simone Veil
p. 16



Johan Willem Beyen.....	28
Ursula Hirschmann.....	30
Paul-Henri Spaak.....	32
Melina Mercouri	34
Walter Hallstein.....	36
Altiero Spinelli.....	38
Nilde Iotti.....	40
Nicole Fontaine.....	42
Sicco Mansholt.....	44
Anna Lindh.....	46



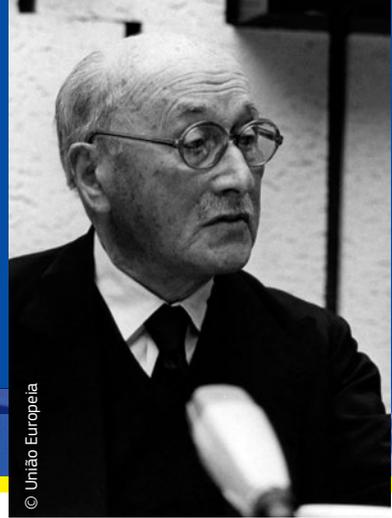
Anna Lindh
p. 46



Alcide De Gasperi
p. 12

Jean Monnet

1888-1979



Ao deflagrar a Primeira Guerra Mundial, em 1914, Jean Monnet é considerado inapto para o serviço militar em França por motivos de saúde. Desejoso de servir o seu país de outra forma e de contribuir para o esforço de guerra francês, oferece os seus serviços ao Governo para melhorar a coordenação dos transportes dos fornecimentos de guerra. A sua proposta é aceite e o presidente francês nomeia-o intermediário económico.

Tendo demonstrado grande aptidão durante a guerra, é nomeado secretário-geral adjunto da Liga das Nações, ou Sociedade das Nações, aquando da sua criação, em 1919. Tinha então 31 anos. Após a morte do pai, em 1923, regressa à sua cidade natal, Cognac, e consegue recuperar a empresa familiar, que estava em declínio.

No início da Segunda Guerra Mundial, Monnet torna-se presidente de uma comissão franco-britânica constituída para coordenar as capacidades de produção dos dois países. O Governo britânico envia-o aos Estados Unidos da América (EUA) para supervisionar a aquisição de material de guerra. Tendo causado uma boa impressão ao presidente norte-americano, Franklin D. Roosevelt, depressa se torna um dos seus fiéis conselheiros, instando-o a expandir a capacidade de produção de equipamento militar nos Estados Unidos, antes mesmo de o país entrar na guerra.



A casa de Jean Monnet, em França, é hoje um museu e um espaço de trabalho para os grupos escolares que a visitam.

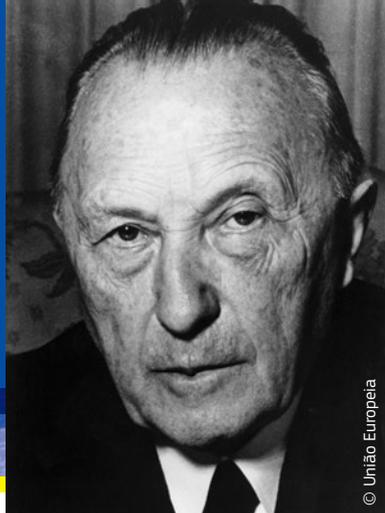
Em 1943, Monnet torna-se membro do Comité Francês de Libertação Nacional, o Governo francês *de facto*, no exílio em Argel. É nessa ocasião que exprime a sua visão de uma Europa unida para garantir a paz. Durante uma reunião deste comité, em 5 de agosto de 1943, Monnet declara: «Não haverá paz na Europa se os Estados forem reconstituídos com base na soberania nacional... Os países europeus são demasiado pequenos para garantir aos seus povos a prosperidade e o desenvolvimento social necessários. Os Estados europeus devem constituir-se numa federação...».

Face ao recrudescimento das tensões internacionais após a guerra, Jean Monnet sente que soou a hora de promover ativamente a unidade europeia e começa a trabalhar, com a sua equipa, no conceito de uma Comunidade Europeia. Em 9 de maio de 1950, Robert Schuman, ministro dos Negócios Estrangeiros francês, profere a «Declaração Schuman» em nome do Governo francês.

Esta declaração, inspirada e preparada por Jean Monnet, propunha que toda a produção franco-alemã de carvão e de aço fosse colocada sob uma alta autoridade única. Essa proposta assentava na ideia de que, se a produção desses recursos fosse partilhada pelos dois países mais poderosos da Europa, seria possível evitar outra guerra. Como os Governos da Bélgica, Alemanha, Itália, Luxemburgo e Países Baixos reagiram favoravelmente, esta declaração lançou as bases da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço, predecessora da Comunidade Económica Europeia e, posteriormente, da União Europeia.

Konrad Adenauer

1876-1967



Eleito como «o maior alemão de todos os tempos» pelos seus compatriotas numa sondagem realizada em 2003, Konrad Adenauer lutou incansavelmente pela unidade europeia e por uma paz duradoura entre as nações. A Europa, tal como a conhecemos hoje, não teria sido possível sem a confiança que Konrad Adenauer inspirava aos outros países europeus, que seguiram o seu exemplo e o da Alemanha.

Foram as experiências de guerra que moldaram o pensamento de Adenauer. Tem já mais de 30 anos e é adjunto do burgomestre de Colónia quando estala a Primeira Guerra Mundial. Apesar das adversidades, consegue manter a cidade a funcionar tanto para civis como para militares, que a usavam como base principal de abastecimento e transporte das tropas alemãs.

Em 1917, torna-se burgomestre de Colónia, mas é destituído do cargo em 1933, depois de entrar em conflito com o partido nazi por se recusar a decorar a cidade com suásticas para a visita de Hitler. Alertado para o perigo que corria, Adenauer foge e refugia-se num mosteiro até ser seguro partir. Embora seja considerado uma ameaça menor, o regime nazi não o poupa. É preso e inscrito nas listas de deportação, mas sobrevive à guerra.



© AP / União Europeia

Konrad Adenauer assina os Tratados de Roma, que instituem a Comunidade Económica Europeia e a Comunidade Europeia da Energia Atómica, na Câmara Municipal de Roma, em 25 de março de 1957.

Com a derrota dos nazis, Adenauer empenha-se em reconciliar a Alemanha com os seus antigos inimigos, especialmente com a França, e em criar uma paz duradoura na Europa. É eleito chanceler da República Federal da Alemanha (Alemanha Ocidental) em 15 de setembro de 1949. Nos anos seguintes, lidera o processo de adesão do seu país ao Conselho da Europa (1951) e garante que a Alemanha Ocidental desempenha um papel fundamental na fundação da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (1952). Esta organização foi criada para controlar as indústrias que tinham estado no cerne das máquinas de guerra da Europa e, assim, evitar mais conflitos. Em 1955, é também sob a presidência de Adenauer que a Alemanha Ocidental adere à OTAN. Este é talvez o maior sinal de que o país está de volta à comunidade internacional.

Adenauer estava convencido de que relações sólidas entre a Alemanha Ocidental e a França poderiam lançar as bases para uma paz e uma estabilidade duradouras na Europa; esta convicção conduz, em 1963, à assinatura do Tratado do Eliseu, também conhecido como Tratado da Amizade. Este Tratado sela a reconciliação entre os dois países e proporciona uma base firme para relações que põem cobro a séculos de rivalidade. Foi graças à visão de Adenauer sobre o papel do seu país numa Europa unida que a Alemanha se tornou a sociedade livre e democrática que hoje conhecemos.

Louise Weiss

1893-1983



© União Europeia

Jornalista e figura política, Louise Weiss é uma voz influente na política francesa e internacional desde a década de 1920 até à sua morte, em 1983. A sua experiência de trabalho em hospitais de campanha durante a Primeira Guerra Mundial afeta-a profundamente. Consagra a sua vida à promoção da paz, primeiro através do seu trabalho em vários jornais e, em seguida, do seu empenhamento na causa do direito de voto para as mulheres. Durante a Segunda Guerra Mundial, ajuda a salvar milhares de crianças judias dos nazis e junta-se à resistência francesa.

Após a guerra, Louise Weiss viaja por todo o mundo e escreve regularmente para grandes revistas e jornais franceses sobre o papel de liderança que o Ocidente e, em particular, a Europa, poderiam desempenhar na promoção dos valores democráticos mundialmente. É esta convicção que a leva a defender a Europa como contraponto aos Estados Unidos e à União Soviética durante a Guerra Fria.

Em 1971, cria a Fundação Louise Weiss a fim de atribuir um prémio anual à pessoa ou instituição que mais contribuisse para o avanço da «ciência da paz». Entre os laureados contam-se Václav Havel, Helmut Schmidt e Simone Weil.



© União Europeia

Louise Weiss é eleita para o Parlamento Europeu em julho de 1979, tornando-se a sua decana aos 86 anos.

Centrando-se agora mais na Europa, Louise Weiss candidata-se e é eleita para o Parlamento Europeu em 1979. Na sua alocução inaugural no Parlamento, exorta todos os Europeus a unirem-se com base na sua cultura comum e não apenas em interesses económicos partilhados.

Aos 90 anos, Louise Weiss era a decana do Parlamento Europeu à data da sua morte, em 1983. Mais tarde, o Parlamento deu o nome de Louise Weiss ao seu edifício principal em Estrasburgo, em sinal de reconhecimento pela forma exemplar como Louise apoiou os valores europeus ao longo de toda a sua vida.

Alcide De Gasperi

1881-1954



Figura política italiana, Alcide De Gasperi foi o último primeiro-ministro do Reino de Itália e o primeiro primeiro-ministro da República Italiana. Após a Segunda Guerra Mundial, supervisiona a construção de uma nova democracia em Itália, bem como a reconstrução económica e a reentrada do país na cena política internacional.

De Gasperi luta para unir a Alemanha e a França após quase 100 anos de conflito. Após o final da guerra, De Gasperi milita ativamente para unir a Europa na convicção de que essa era a única forma de prevenir a recorrência de conflitos. Animava-o a visão clara de uma União da Europa, que não se substituiria aos diversos Estados, mas permitiria que trabalhassem em conjunto.

«O futuro não será construído através da força, nem do desejo de conquista, mas sim mediante a aplicação paciente do método democrático, o espírito construtivo da concórdia e o respeito pela liberdade», declara ao receber, em 1952, o Prémio Carlos Magno pelo seu trabalho ao serviço de uma Europa unida. Esta é, essencialmente, a mensagem que transmite aos líderes da Alemanha



© Intercontinentale / AFP

Alcide De Gasperi profere um discurso em Paris, em 21 de abril de 1954.

e da França ao iniciar os seus esforços de mediação em resposta ao apelo de Robert Schuman, em 9 de maio de 1950, em prol de uma Europa integrada.

O trabalho de De Gasperi contribuiu para a criação da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA), uma organização que privou efetivamente as nações europeias dos meios para se guerrearem. Em 1954, os seus esforços são recompensados, sendo nomeado o primeiro presidente da Assembleia Parlamentar da Comunidade.

Além do seu contributo para a criação do Conselho da Europa, De Gasperi atinge também outro dos seus objetivos — o de devolver à Itália um papel central na esfera internacional, uma vez que o seu país se juntou aos outros cinco membros fundadores da Comunidade. De Gasperi tem também uma visão mais ampla — a da cooperação internacional como base para a paz. É o homem por trás da participação de Itália no Plano Marshall norte-americano e da sua adesão à OTAN.

Robert Schuman

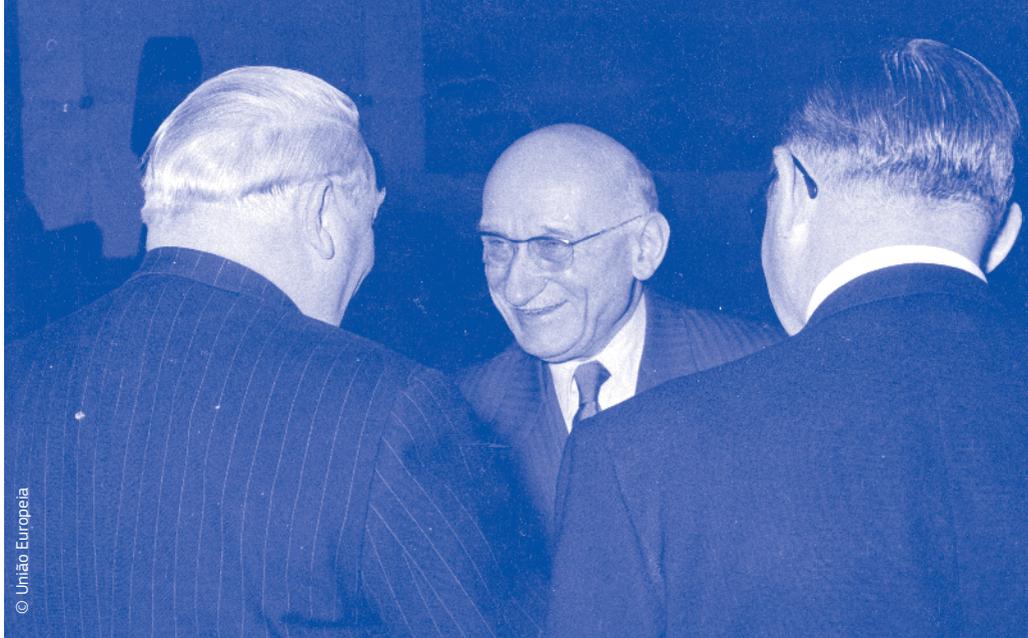
1886-1963



Dispensado do serviço militar por razões médicas durante a Primeira Guerra Mundial, Robert Schuman participa ativamente na resistência francesa na Segunda Guerra Mundial e acaba por ser preso pelos nazis. Escapando por um triz à deportação para o campo de concentração de Dachau, foge para a zona «livre» da França e passa à clandestinidade depois de esta ser invadida pelos nazis. Durante três anos, vive na clandestinidade, desafiando os alemães, que põem a sua cabeça a prémio.

Schuman começa a sua atividade política entre as guerras, iniciando o seu percurso na função pública como deputado ao Parlamento francês pela região do Mosela. Cidadão alemão nascido no Luxemburgo, Schuman torna-se francês quando, em 1919, a região da Alsácia-Lorena é restituída à França.

Após a guerra, regressa à política nacional, ocupando diversos cargos de alto nível, incluindo primeiro-ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros. Desempenha um papel determinante na negociação de importantes tratados e iniciativas, como o Conselho da Europa, o Plano Marshall e a OTAN, que visavam, todos eles, reforçar a cooperação no âmbito da aliança ocidental e unir a Europa.



© União Europeia

Robert Schuman, ao centro, em conversa com Ludwig Erhard, à esquerda.

É mais conhecido pela Declaração Schuman, na qual propõe uma união de interesses económicos. Schuman estava convencido de que, se as nações europeias estivessem assim ligadas, a guerra seria «não só impensável como materialmente impossível».

Em colaboração com Jean Monnet, elabora o Plano Schuman, que divulga em 9 de maio de 1950, hoje considerada a data de nascimento da União Europeia e celebrada todos os anos como o «Dia da Europa». No seu discurso, propõe o controlo conjunto da produção do carvão e do aço, matérias-primas essenciais para a indústria do armamento.

No espaço de um ano, em 18 de abril de 1951, os seis membros fundadores (Bélgica, Alemanha, França, Itália, Luxemburgo e Países Baixos) assinam o Tratado de Paris. Este cria a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço, a primeira comunidade supranacional da Europa. Esta organização pioneira abriu o caminho para a Comunidade Económica Europeia e, posteriormente, para a União Europeia.

Simone Veil

1927-2017



Simone Veil sobreviveu aos campos de concentração nazis. É na infância e nas vivências traumáticas da Segunda Guerra Mundial que estão as raízes do seu empenho numa Europa unificada, uma causa que defenderá para o resto da sua vida.

Começa o seu percurso na área do Direito para depois enveredar pela política. Em 1974, ingressa no Governo francês de Giscard d'Estaing como ministra da Saúde. Pouco depois da sua nomeação, inicia a dura batalha pela legalização do aborto em França, que só vence quando a oposição na Assembleia Nacional se associa à sua causa para aprovar a lei em 1975. A adoção desta lei, considerada uma conquista importante, fica conhecida como «la loi Veil».

À medida que a sua carreira política em França progride, empenha-se cada vez mais na ideia de uma Europa livre de conflitos e opressão. Em 1979, o presidente Giscard d'Estaing pede-lhe para encabeçar a lista do seu partido nas primeiras eleições diretas para o Parlamento Europeu.

Simone Veil é eleita para o Parlamento e é escolhida pelos seus pares para ocupar o cargo de presidente, tornando-se assim a primeira mulher à frente de uma instituição da UE. Dois anos mais tarde, é distinguida com o Prémio Carlos Magno, em reconhecimento do seu contributo para a unidade europeia.



Simone Veil, recém-eleita presidente do Parlamento Europeu, é ovacionada de pé após proferir um discurso em junho de 1979.

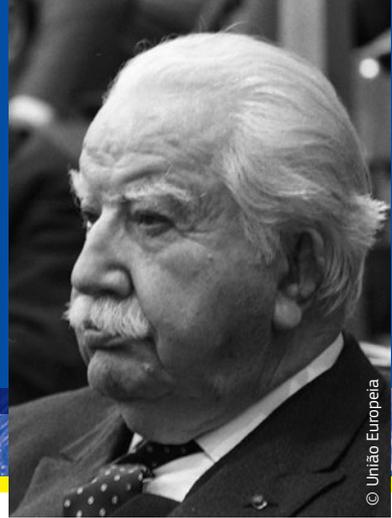
Após 14 anos no Parlamento Europeu, Simone Veil regressa à política francesa em 1993, desempenhando o cargo de ministra de Estado e ministra da Saúde e dos Assuntos Sociais até 1995. Em 1998, é nomeada para o Conselho Constitucional francês.

Quando, em 2008, é eleita para a Académie Française, juntando-se ao pequeno grupo de mulheres distinguidas com essa honra, faz gravar três menções na espada cerimonial que é forjada para cada um dos membros da academia: o número da sua tatuagem de Auschwitz, 78651; o lema da República Francesa, «Liberdade, Igualdade e Fraternidade»; e o lema da União Europeia, «Unida na Diversidade».

Morre em 2017 e, em 2018, os seus restos mortais são trasladados para o Panteão em Paris. É a quinta mulher a receber esta honra.

Joseph Bech

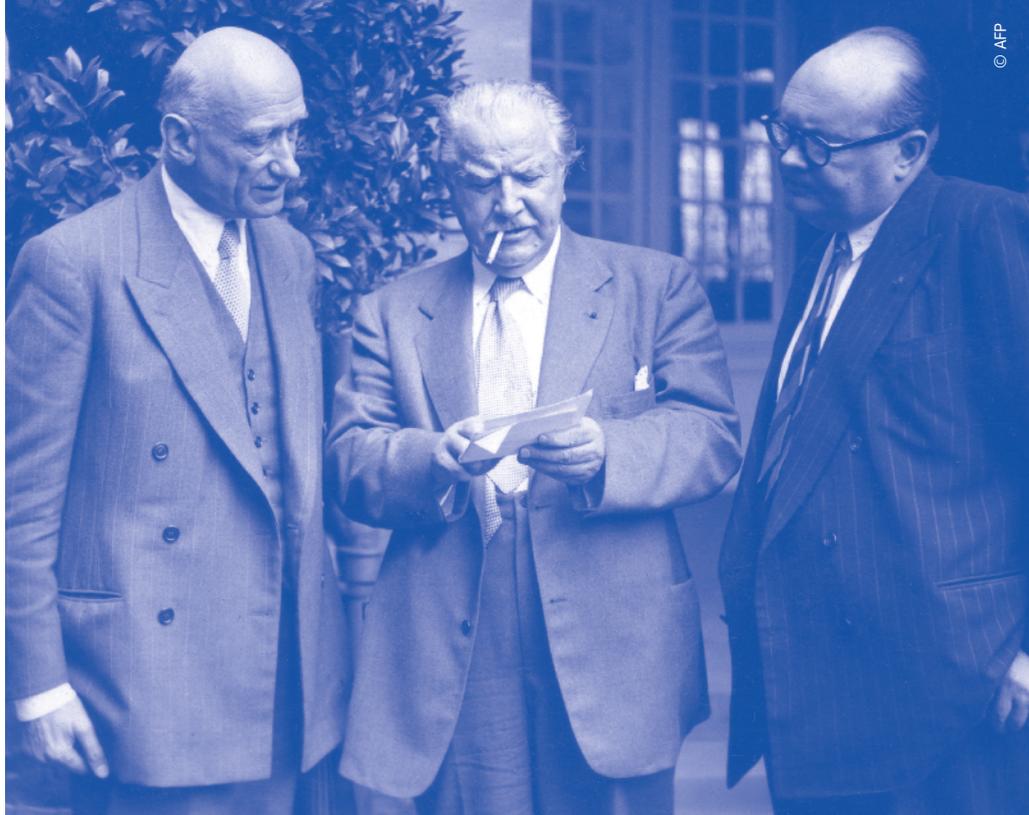
1887-1975



Em 1950, quando o ministro dos Negócios Estrangeiros francês, Robert Schuman, propõe a formação de uma organização que, fundamentalmente, impeça os países europeus de voltarem a guerrear-se, o ministro dos Negócios Estrangeiros luxemburguês, Joseph Bech, adere à ideia com entusiasmo.

Bech é um defensor convicto da ideia de construir uma Europa estável e próspera através de uma cooperação económica mais estreita.

Além de prevenir outro conflito devastador como a Segunda Guerra Mundial, Joseph Bech — que foge do Luxemburgo ocupado pelos nazis para servir o Governo do seu país no exílio em Londres — vê na criação da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço uma oportunidade para o seu pequeno país deixar a sua marca numa nova Europa. Bech tinha já contribuído para a criação da União Aduaneira do Benelux em 1944 entre os Governos no exílio da Bélgica, dos Países Baixos e do Luxemburgo. Na década de 1950, torna-se um dos principais arquitetos da integração europeia.



Robert Schuman, ministro dos Negócios Estrangeiros francês, Joseph Bech, ministro dos Negócios Estrangeiros luxemburguês e Paul-Henri Spaak, primeiro-ministro belga na primeira sessão da Assembleia Consultiva do Conselho da Europa, Estrasburgo, 10 de agosto de 1949.

Em junho de 1955, Joseph Bech preside à Conferência de Messina, que mais tarde conduziria ao Tratado de Roma, que instituiu a Comunidade Económica Europeia, a precursora da atual União Europeia. A conferência centra-se no memorando apresentado pelos três países do Benelux, sendo Joseph Bech representante do Luxemburgo. Este documento combina os planos francês e neerlandês para a realização de novas atividades nos domínios dos transportes e da energia, especialmente da energia nuclear, e um mercado comum geral, realçando a necessidade de uma autoridade comum com poderes efetivos.

Em 1959, Bech deixa o cargo de ministro dos Negócios Estrangeiros e, em 1964, retira-se da vida política.

Marga Klompé

1912-1986



Marga Klompé, cientista e professora, desempenha um papel ativo na resistência neerlandesa durante a Segunda Guerra Mundial. Torna-se deputada ao Parlamento dos Países Baixos em 1948 e participa nas negociações da Declaração Universal dos Direitos do Homem das Nações Unidas.

É a primeira mulher a fazer parte da Assembleia Comum da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço, precursora do atual Parlamento Europeu, cuja primeira sessão se realiza em 1952.

Em 1955, a Assembleia nomeia-a para um grupo de trabalho que se consagra à melhoria da implantação da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço e ao alargamento das suas competências, bem como à criação de um mercado único para além do setor do carvão e do aço. Em 1956, deixa a Assembleia para integrar o governo de coligação de centro-esquerda dos Países Baixos, chefiado pelo primeiro-ministro Willem Drees, tornando-se assim a primeira mulher a assumir o cargo de ministra nos Países Baixos.



© Nijs, Jac. De. Arquivos Nacionais dos Países Baixos/Anefo

Marga Klompé com o vice-primeiro-ministro Jan de Quay (à esquerda) e o diretor do Serviço Social, Jan Verhoeven (à direita) durante um debate na Câmara dos Representantes, 16 de janeiro de 1967.

Na qualidade de ministra da Ação Social, uma das suas principais realizações é a lei sobre a proteção social universal, que vem substituir a antiga lei da assistência aos pobres. Com a entrada em vigor desta lei em 1965, a proteção social passa a ser um direito de todos.

Entre 1966 e 1971, ocupa o cargo de ministra da Cultura, das Atividades Recreativas e da Ação Social no governo do primeiro-ministro Piet de Jong. Em 1971, recebe o título de ministra de Estado, uma honra concedida nos Países Baixos a altos responsáveis políticos de grande mérito em final de carreira.

Após deixar a vida política, Marga Klompé continua a defender a justiça e a responsabilidade social à escala internacional, assumindo uma posição particularmente crítica em relação ao regime do apartheid na África do Sul. Católica convicta, é nomeada presidente da Comissão Nacional dos Países Baixos para a Justiça e a Paz pelo Papa Paulo VI, sendo uma das fundadoras da União das Jovens Universitárias Católicas e do Serviço de Voluntariado das Mulheres Católicas.

Winston Churchill

1874-1965



Quando se pensa em Winston Churchill, é possível que a primeira imagem a vir à mente seja a de uma figura imponente a fazer o sinal da vitória e a fumar charuto. Esta representação popular é apenas uma das facetas do antigo oficial do exército, repórter de guerra e primeiro-ministro britânico que uniu uma nação debaixo de fogo.

Na maioria dos casos, ignora-se que Winston Churchill defendia o ideal da integração europeia e foi um dos primeiros a preconizar a criação dos «Estados Unidos da Europa». Foi um dos muitos líderes que, pelas suas experiências de guerra, tinha a convicção de que somente uma Europa unida poderia garantir a paz.

O seu apelo à unidade, de 4 de junho de 1940, «combatê-los-emos nas praias», é um dos seus discursos mais célebres. No entanto, outro discurso, por vezes esquecido, foi o que Churchill proferiu na Universidade de Zurique em 1946. Nele, exorta os Europeus a virarem as costas aos horrores do passado



Paul-Henri Spaak, presidente da Assembleia Consultiva do Conselho da Europa, Paul Reynaud, político francês, Winston Churchill, primeiro-ministro britânico e Robert Schuman, ministro dos Negócios Estrangeiros francês na reunião da Assembleia Consultiva em Estrasburgo, em 11 de agosto de 1950.

e a olharem para o futuro. Declara que a primeira medida para reconstituir a «família europeia» da justiça, da clemência e da liberdade é «construir uma espécie de Estados Unidos da Europa. Só dessa forma centenas de milhões de trabalhadores poderão recuperar as alegrias e esperanças simples que dão sentido à vida».

Com este apelo, Churchill é um dos primeiros defensores da integração europeia para evitar que se repitam as atrocidades das duas guerras mundiais, exortando à criação de um Conselho da Europa como primeira etapa.

Em 1948, reúnem-se, em Haia, 800 delegados de todos os países europeus, com Churchill como presidente honorário, num grandioso Congresso da Europa. Este congresso conduz à criação do Conselho da Europa, em 5 de maio de 1949, cuja primeira reunião conta com a presença do próprio Churchill.



© União Europeia

Helmut Kohl

1930-2017

e

François Mitterrand

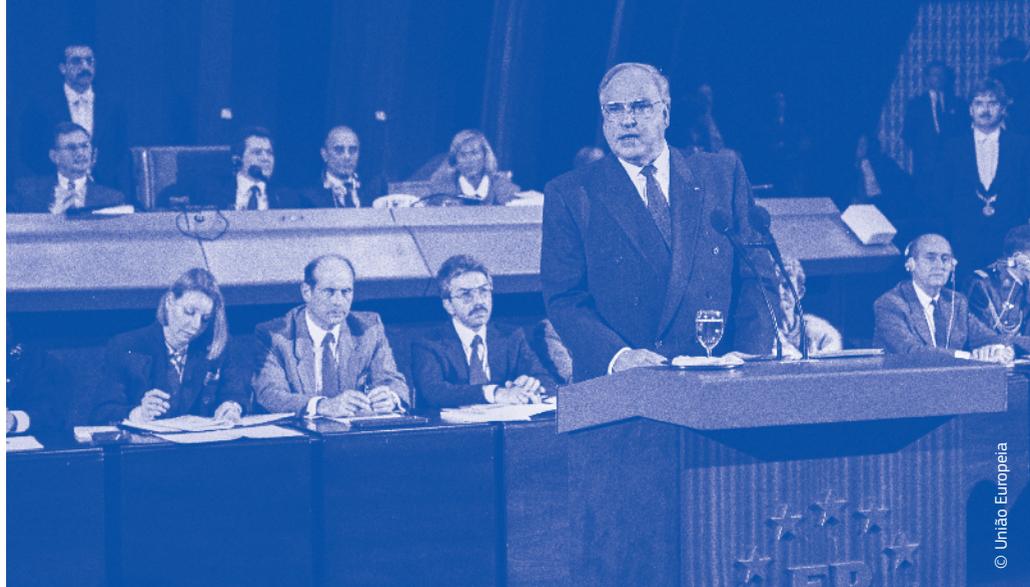
1916-1996



© União Europeia

Dois dos mais conhecidos líderes europeus do século XX e talvez os que menos suscetíveis seriam de vir a colaborar de forma tão estreita. O chanceler alemão, Helmut Kohl, e o presidente francês, François Mitterrand, nascem e crescem numa época em que os seus países se confrontam em duas guerras devastadoras.

Kohl e Mitterrand esforçam-se arduamente para reforçar a relação pós-guerra entre a França e a Alemanha e sublinham a importância da paz entre as suas nações na prossecução da integração europeia. A fotografia dos dois dirigentes de mãos dadas numa cerimónia em 22 de setembro de 1984, por ocasião do 70.º aniversário do início da Primeira Guerra Mundial, é uma imagem emblemática e comovente que mereceu destaque na imprensa internacional.



Helmut Kohl fala aos deputados ao Parlamento Europeu em Estrasburgo após a queda do Muro de Berlim, em 22 de novembro de 1989.

Helmut Kohl

Nascido em Ludwigshafen, Alemanha, em 1930, Helmut Kohl começa a sua carreira no meio universitário, ingressando mais tarde no mundo dos negócios e, por último, na vida política. Em 1959, é eleito líder da secção local da União Democrata-Cristã (CDU) da sua cidade, tendo subido rapidamente os escalões da política local e regional. Após ter ocupado o cargo de ministro da Renânia-Palatinado (é o mais jovem chefe de Governo eleito da Alemanha) e enquanto presidente da CDU, dá os primeiros passos na via que o conduziria à chancelaria da Alemanha Ocidental.

Em 1982, o Governo cai na sequência de uma moção de censura instigada pela CDU. Kohl é então eleito chanceler pelo Bundestag e, um ano mais tarde, consolida o seu poder, vencendo por convincente maioria as eleições federais de 1983.

Kohl é especialmente recordado pelo seu empenhamento em prol de um Estado alemão único. É o primeiro chanceler a receber o chefe de Estado da Alemanha Oriental a título diplomático e, após a queda do Muro de Berlim, empenha-se na reunificação das duas Alemanhas. Ambos os parlamentos assinaram e ratificaram rapidamente um tratado em 1990, que reunificou o país após 45 anos e contribuiu para tornar mais tangível a visão da Europa unida defendida por Kohl.



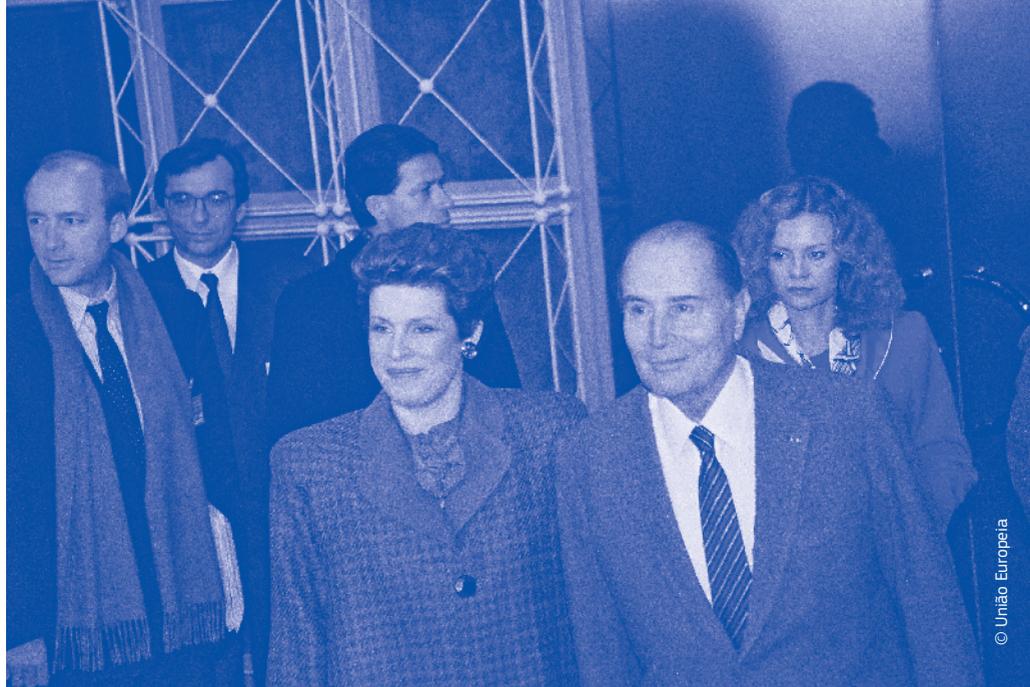
Françóis Mitterrand e Helmut Kohl na cerimônia que assinala a morte de soldados franceses e alemães durante as duas guerras mundiais no cemitério de Douaumont, em Verdun, França, em 22 de setembro de 1984.

Françóis Mitterrand

Nascido em Charente, em França, em 1916, Françóis Mitterrand dá os seus primeiros passos na política como apoiante da direita nacionalista francesa. Convocado para a linha da frente no início da Segunda Guerra Mundial, é capturado em 1940 e feito prisioneiro de guerra pelos alemães. Consegue evadir-se e trabalha algum tempo sob o regime francês de Vichy, antes de se aproximar da esquerda e de se juntar à resistência francesa. Cria uma rede com outros prisioneiros de guerra e grupos da resistência armada francesa, mas acaba por ter de fugir para Londres.

Após a guerra, Mitterrand cimenta a sua posição à esquerda, opondo-se a Charles de Gaulle, e acaba por se tornar dirigente do Partido Socialista francês. Em 1981, é eleito presidente e lidera o primeiro governo de esquerda em 23 anos.

Enquanto presidente, Mitterrand apoia o alargamento europeu, incentivando a adesão da Espanha e Portugal. Acredita também numa UE mais integrada e defende a aprovação do Ato Único Europeu em 1986, que cria as primeiras bases jurídicas para um mercado único europeu.



Chegada de François Mitterrand, presidente da República Francesa, a uma reunião do Conselho Europeu, em Estrasburgo, França, 12 de dezembro de 1989.

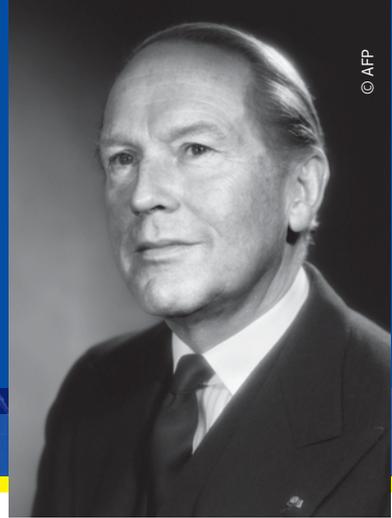
A famosa fotografia de Kohl e de Mitterrand tirada numa cerimónia realizada em memória das vítimas em Verdun, palco de uma das mais longas batalhas da Primeira Guerra Mundial, é reveladora do progresso realizado pela França, a Alemanha e a Europa desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

Em 1988, em reconhecimento do seu extraordinário contributo para as relações franco-alemãs, recebem em conjunto o Prémio Carlos Magno, que distingue serviços prestados à causa da unificação europeia.

Kohl é chanceler durante 16 anos, tendo sido o líder alemão com o mandato mais longo do século XX. De igual modo, Mitterrand é presidente da República Francesa durante 14 anos, a presidência mais longa da história da França. Kohl e Mitterrand falecem respetivamente em 2017 e 1996, depois de décadas ao serviço dos respetivos países e da Europa.

Johan Willem Beyen

1897-1976



O político neerlandês Johan Willem Beyen persuadiu os seus homólogos europeus a aceitarem o seu plano de cooperação económica total. Em meados da década de 1950, na altura em que elabora a sua proposta de união aduaneira, apercebe-se da dificuldade em convencer as forças relutantes no seu país, os Países Baixos, bem como no resto da Europa, a aceitarem uma maior integração europeia.

A Declaração Schuman de 9 de maio de 1950 e a subsequente criação da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço em 1952 são dois eventos marcantes na recuperação da Europa após a guerra. Contudo, muitos dirigentes da Comunidade mostram-se céticos quanto a uma maior integração, especialmente no que respeita à economia. Porém, Beyen acreditava ser o momento certo para exercer pressão no sentido de uma cooperação ainda mais estreita entre as nações europeias.

O seu plano defendia a ideia de que era necessária uma integração plena, não só no domínio do carvão e do aço. A solução residiria, assim, num mercado



Johan Willem Beyen (o primeiro a contar da esquerda), com o italiano Gaetano Martino, o luxemburguês Joseph Bech, o francês Antoine Pinay, o alemão Walter Hallstein e o belga Paul-Henri Spaak na reunião dos seis Estados-Membros da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço na Conferência de Messina, de 1 a 3 de junho de 1955.

© União Europeia

comum para todos os setores, a exemplo da cooperação estabelecida entre a Bélgica, os Países Baixos e o Luxemburgo com o acordo do Benelux, em 1944.

Ao apresentar o «Plano Beyen» na Conferência de Messina, em 1955, Beyen consegue fazer passar a ideia de que a unidade política que a maioria dos participantes, se não todos, esperavam não seria alcançável sem um mercado comum com algumas responsabilidades comuns em matéria de política económica e social. No final, como resultado da aceitação do «Plano Beyen», seis países assinam os Tratados de Roma em março de 1957 e criam a Comunidade Económica Europeia e a Comunidade Europeia da Energia Atómica.

Resta saber se a integração europeia teria avançado se não fosse o papel desempenhado por Willem Beyen. A forma como apresentou o seu plano, que deu um novo impulso ao projeto europeu quando era mais necessário, contribuiu para criar a União Europeia que hoje conhecemos.

Ursula Hirschmann

1913-1991



© Arquivos Históricos da União Europeia

Nascida em Berlim numa família judia da classe média, Ursula Hirschmann adere à organização de juventude do Partido Social Democrata em 1932, numa atitude de resistência à ascensão do nazismo. Depois de conhecer Eugenio Colorni, um jovem italiano filósofo e socialista com quem casa, Ursula Hirschmann participa ativamente no movimento clandestino antifascista no país natal do marido.

Quando Eugenio Colorni é detido e exilado na ilha de Ventotene, Ursula Hirschmann decide acompanhar o marido. É aí que o casal conhece Ernesto Rossi e Altiero Spinelli, que, em 1941, escrevem o Manifesto de Ventotene «por uma Europa livre e unida», geralmente considerado como o ponto de partida do federalismo europeu.

O manifesto propõe um modelo para uma União Europeia democrática, cuja criação poderia concretizar-se após o fim da guerra. Apela a uma rutura com o passado da Europa e à formação de um novo sistema político através de uma reestruturação política e de amplas reformas sociais. Ursula Hirschmann leva o manifesto secretamente para a Itália continental e ajuda a divulgá-lo. O texto é lido por muitos dos combatentes da resistência italiana contra os nazis.



Depois de deixar Ventotene, Ursula Hirschmann chega a Milão e, juntamente com Altiero Spinelli e outros ativistas, funda o Movimento Federalista Europeu em 1943. É em Milão que, em agosto do mesmo ano, decorre a primeira reunião para a constituição do movimento federalista, conduzindo à aprovação das seis pedras angulares do pensamento federalista concebido em Ventotene.

Em 1944, Eugenio Colorni é assassinado por fascistas em Roma. Ursula Hirschmann e Altiero Spinelli casam no ano seguinte. Refugiam-se na Suíça e juntos trabalham para internacionalizar o Movimento Federalista Europeu, que leva, em 1945, à participação de Ursula Hirschmann na organização do primeiro congresso internacional federalista em Paris.

O empenhamento político de Ursula Hirschmann não termina com o fim da Segunda Guerra Mundial. Em 1975, funda a associação Femmes pour l'Europe (Associação das Mulheres pela Europa) em Bruxelas.

Paul-Henri Spaak

1899-1972

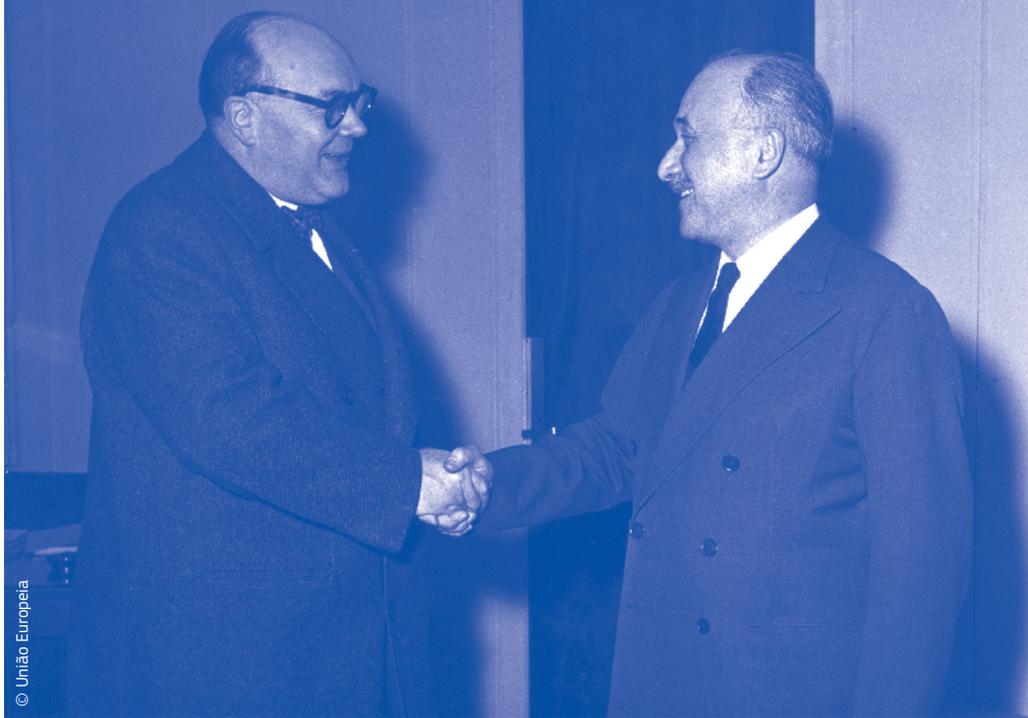


© União Europeia

Prisioneiro dos alemães durante a Primeira Guerra Mundial e ministro dos Negócios Estrangeiros belga no exílio durante a Segunda, Paul-Henri Spaak é outro dos grandes pioneiros da UE que testemunharam os horrores do século mais sangrento da Europa.

Depois da devastação da Segunda Guerra Mundial, vê uma oportunidade para, através da cooperação económica e política, reconstruir a Europa. Durante a guerra, exilado em Londres, desenvolvera, juntamente com os seus colegas dos Países Baixos e do Luxemburgo, um projeto altamente ambicioso: uma união aduaneira entre a Bélgica, os Países Baixos e o Luxemburgo.

Em 1944, o plano dá frutos e nasce a União Aduaneira do Benelux. Garantir-se-ia a livre circulação de pessoas, bens, capitais e serviços entre os três países, o que constituiria uma fonte de inspiração para a futura integração europeia.



© União Europeia

Paul-Henri Spaak aperta a mão a Jean Monnet.

Para Spaak, unir países através de obrigações contratuais vinculativas constituía o meio mais eficaz de garantir a paz e a estabilidade. Enquanto presidente da primeira Assembleia Plenária das Nações Unidas (1946) e secretário-geral da OTAN (1957-1961), contribuiu para a realização desses objetivos.

Em 1955, durante a Conferência de Messina de líderes europeus, os três Estados do Benelux apresentam uma proposta para criar um mercado comum e integrar os setores dos transportes e da energia atómica. Este documento, que ficou conhecido por «Relatório Spaak», serve de base à Conferência Intergovernamental sobre o Mercado Comum e a Euratom, em 1956, e conduz à assinatura dos Tratados de Roma, em 25 de março de 1957, que instituíram a Comunidade Económica Europeia e a Comunidade Europeia da Energia Atómica em 1958. Spaak assina o tratado em nome da Bélgica.

Melina Mercouri

1920-1994



© Fundação Melina Mercouri

Tudo o que a atriz e política grega Melina Mercouri fez na vida fê-lo com energia e paixão, desde conquistar o palco e a tela na sua juventude a lutar contra a ditadura fascista que toma o poder na Grécia em 1967 e a trabalhar para proteger e promover a cultura durante a sua carreira política.

Melina Mercouri era já uma atriz de teatro célebre na Grécia quando se tornou uma estrela de cinema internacional. Torna-se ativa politicamente quando, em 1967, um grupo de oficiais do exército, de direita, toma o poder na Grécia. Melina Mercouri depressa se afirma como uma das principais figuras do movimento de expatriados que procuravam depor a Junta, o que levou o brigadeiro general Stylianos Pattakos a retirar-lhe a nacionalidade grega. A resposta de Mercouri ficaria famosa: «Eu nasci grega e morrerei grega. O sr. Pattakos nasceu fascista e morrerá fascista».

Melina Mercouri viaja por todo o mundo, fazendo campanha contra a ditadura, dando a conhecer a situação vivida na Grécia e apelando ao isolamento e à deposição do regime dos coronéis. Esta franca oposição estaria na origem de uma tentativa de assassinato cometida em Itália, mas Melina Mercouri não se deixa desencorajar e prossegue a campanha contra a ditadura até à sua queda em 1974.



Melina Mercouri fala à imprensa antes do lançamento da primeira Capital Europeia da Cultura em Atenas, 1985.

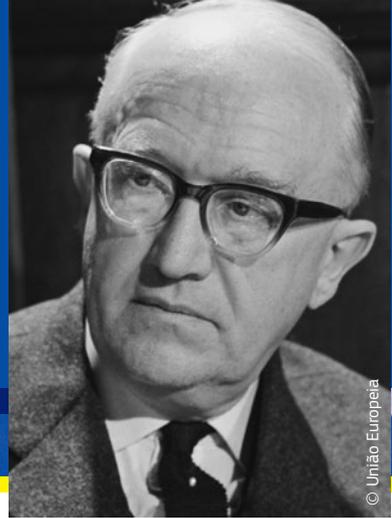
Após o restabelecimento da democracia, Melina Mercouri regressa à Grécia, ajudando a formar o Movimento Socialista Pan-Helénico (PASOK) e participando ativamente no movimento de emancipação das mulheres gregas. É eleita para o Parlamento grego em 1977. Quando o seu partido vence as eleições de 1981, é nomeada ministra da Cultura, cargo que exerceria durante oito anos, durante os quais a cultura passa para primeiro plano na política grega.

Uma das suas realizações mais importantes é a criação do título de Capital Europeia da Cultura, tendo Atenas sido designada a primeira capital, em 1985. A iniciativa é fruto de uma reunião organizada por Mercouri com os ministros da Cultura dos então 10 Estados-Membros da UE, durante a primeira presidência grega do Conselho, em 1983.

Em 1988, durante a segunda presidência grega do Conselho, Melina Mercouri lança uma campanha pelo diálogo e pela cooperação com os países da Europa Oriental num momento de grandes convulsões. Com o fim da Guerra Fria e o desaparecimento da Cortina de Ferro, Melina Mercouri torna-se uma das principais promotoras da iniciativa «Mês da Cultura Europeia», centrada principalmente nos países da Europa Central e Oriental.

Walter Hallstein

1901-1982



Walter Hallstein usa o seu mandato como primeiro presidente da Comissão Europeia (1958-1967) para construir o mercado comum e promover uma integração europeia rápida.

O seu empenho na unidade europeia, a sua experiência e o seu conhecimento profundo haviam inspirado o chanceler Konrad Adenauer a nomeá-lo chefe da delegação da Alemanha Ocidental à Conferência Schuman que levou à formação da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço, em 1950.

Na qualidade de secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros alemão, conquista reconhecimento internacional na década de 1950 com a «doutrina Hallstein», que influenciou a política externa da Alemanha Ocidental durante longos anos. Mas é o seu trabalho na integração económica europeia que garantirá o seu legado como um dos pioneiros da UE.



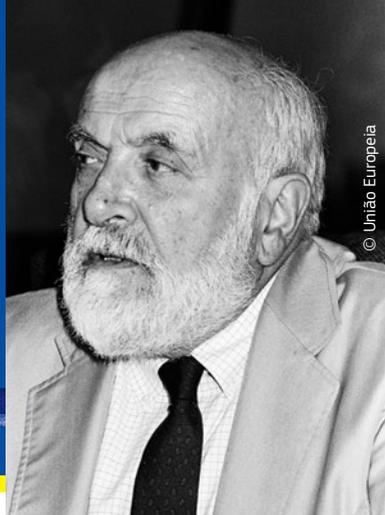
Walter Hallstein (primeiro a contar da direita) ergue o seu copo com Robert Schuman (primeiro a contar da esquerda) e outros.

Hallstein é um firme defensor da unidade europeia através da construção de uma comunidade económica partilhada. Os primeiros passos na direção dessa integração económica são adotados durante a Conferência de Messina em 1955.

Apesar de, inicialmente, Hallstein pretender uma integração geral e o mais rápida possível, a realidade política da época ajuda-o a reconhecer que uma fusão gradual dos mercados dos Estados-Membros seria mais vantajosa para todos. Em 1958, Hallstein é escolhido para exercer o cargo de primeiro presidente da Comissão da Comunidade Económica Europeia. Assume o cargo com um objetivo: a concretização da visão de uma Europa unida, tal como descrita na Declaração Schuman de 9 de maio de 1950.

Altiero Spinelli

1907-1986



Altiero Spinelli é um dos autores do Manifesto de Ventotene, um dos primeiros documentos a abraçar a criação de uma Europa unida e uma constituição europeia. Juntamente com outros presos políticos, escreveu secretamente o manifesto em mortaldas de cigarro durante o seu encarceramento pelo regime fascista italiano na ilha de Ventotene entre 1927 e 1943. As atividades de Spinelli no Partido Comunista Italiano conduzem à sua prisão, ordenada pelo Tribunal Especial fascista de Benito Mussolini.

Após a Segunda Guerra Mundial, Spinelli funda o Movimento Federalista Europeu em Itália e, durante o resto das décadas de 1940 e 1950, é um defensor acérrimo da causa federalista de uma Europa unida. Na década de 1960, funda o Instituto dos Assuntos Internacionais em Roma. Entre 1970 e 1976, é membro da Comissão Europeia. Em 1979, é eleito deputado ao Parlamento Europeu.

Em 1980, juntamente com outros deputados ao Parlamento Europeu adeptos do federalismo, funda o «Club du Crocodile», cuja designação se deve ao restaurante



Sessão inaugural da Conferência sobre Indústria e Sociedade na Comunidade, Veneza, 20 de abril de 1972
(da esquerda para a direita): Marcel Mart, ministro luxemburguês da Economia; Altiero Spinelli;
Vittorio Cini, Conde de Monselice; e Yves Le Portz, presidente do Banco Europeu de Investimento.

que então frequentavam em Estrasburgo. O objetivo do «Club du Crocodile» era um novo tratado europeu. Os seus membros apresentam uma moção para que o Parlamento crie uma comissão especial para elaborar a proposta de um novo tratado, que seria em tudo, menos no nome, uma constituição da Europa.

Em 14 de fevereiro de 1984, o Parlamento Europeu vota a favor desta proposta por esmagadora maioria e aprova o «Projeto de Tratado que institui a União Europeia», também conhecido por «Plano Spinelli».

Embora os parlamentos nacionais não o tenham aprovado, esse documento serve de base ao Ato Único Europeu de 1986, que estabelece o objetivo de criar o mercado comum, e ao Tratado de Maastricht de 1992, que institui a União Europeia.

Nilde Iotti

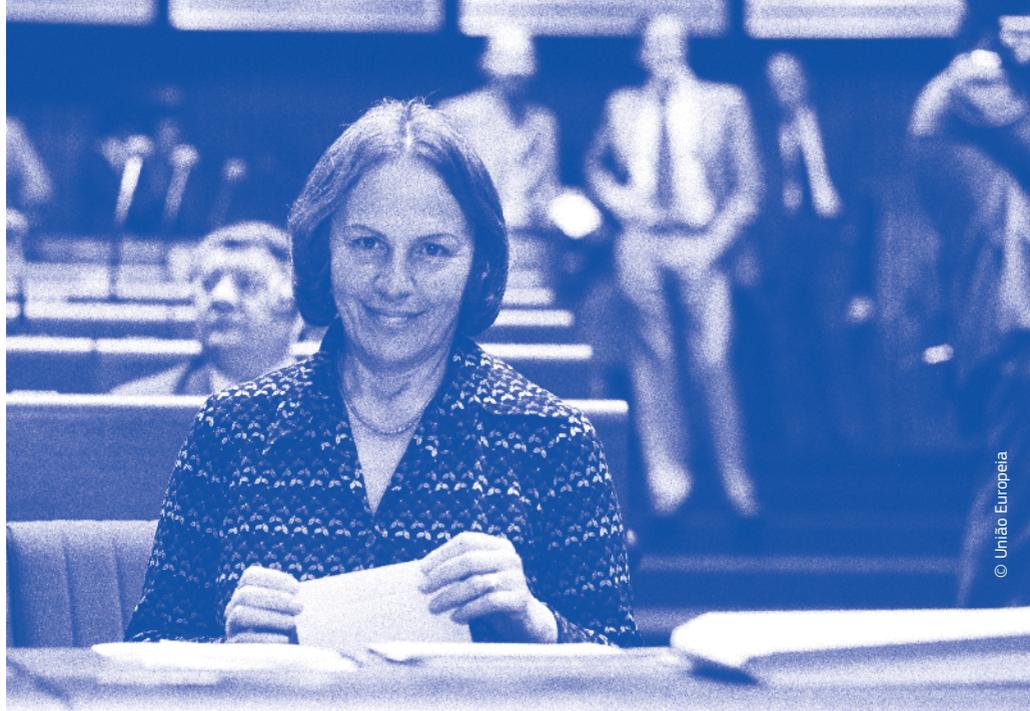
1920-1999



Leonilde «Nilde» Iotti combate na resistência durante a Segunda Guerra Mundial e, terminado o conflito, torna-se uma figura proeminente do Partido Comunista Italiano e uma dirigente importante da União das Mulheres Italianas. Quando as mulheres conquistam o direito de voto em 1945, Nilde Iotti beneficia de um apoio considerável junto do eleitorado feminino e, em 1946, é eleita para a assembleia constituinte, uma câmara parlamentar encarregada da redação da nova Constituição republicana. É responsável pela redação da secção da Constituição relativa à política da família.

Em 1948, integra a Câmara dos Deputados no Parlamento italiano. Entre 1979 e 1992, é presidente deste órgão, sendo a primeira mulher e a primeira comunista a desempenhar um alto cargo em Itália.

Ao longo de toda a sua carreira política, Nilde Iotti luta infatigavelmente pelos direitos das mulheres. Apoia e faz campanha com êxito pela introdução, no seu país, de leis relativas ao divórcio e ao aborto, que são grandes prioridades para os membros do movimento feminino. É também uma voz mediadora, instando as suas camaradas mais jovens do Partido Comunista a não ignorarem os pontos de vista das mulheres católicas sobre esses temas.



Nilde Iotti durante as eleições presidenciais do Parlamento Europeu em 1979.

Enquanto figura política empenhada na ideia de uma Europa justa e equitativa, Nilde Iotti coloca a sua luta pelo sufrágio universal na agenda europeia. Em 1969, torna-se deputada ao Parlamento Europeu e, ao longo do mandato como deputada europeia, defende eleições livres para o Parlamento nas quais os cidadãos europeus elegeassem diretamente os seus representantes. Acredita que a eleição pelos cidadãos conferiria ao Parlamento um mandato inabalável para agir em nome dos cidadãos.

Nilde Iotti vê o seu trabalho e o dos seus colegas recompensado com a realização das primeiras eleições diretas para o Parlamento Europeu em 1979. Pouco tempo depois, põe termo à sua associação de 10 anos com o Parlamento Europeu, período durante o qual também desempenha funções na Comissão dos Assuntos Externos desta instituição. A sua ligação com a Europa não fica por aqui. Em 1997, é eleita vice-presidente do Conselho da Europa, organização dos direitos humanos que conta com 47 países membros.

Nicole Fontaine

1942-2018



Desde o início da sua carreira parlamentar em França, seu país natal, Nicole Fontaine trabalha em prol de uma Europa dos Cidadãos, concentrando-se em projetos de educação da juventude e no reconhecimento mútuo das qualificações académicas, bem como nos direitos das mulheres e na igualdade de género.

A segunda mulher a ocupar o cargo de presidente do Parlamento Europeu (1999-2002), Nicole Fontaine é uma dirigente política determinada e uma defensora acérrima da Europa, tendo-se empenhado na reforma dos métodos de trabalho do Parlamento para o aproximar dos cidadãos.

Em outubro de 1999, no seu discurso inaugural perante o Conselho Europeu de Tampere, na Finlândia, Nicole Fontaine sublinha a importância de ter em conta as preocupações quotidianas dos cidadãos, defendendo uma «abordagem ambiciosa destinada a dotar a União de uma carta dos direitos fundamentais». Em dezembro de 2000, assina a Carta dos Direitos Fundamentais em nome do Parlamento Europeu.

As suas competências diplomáticas são amplamente reconhecidas. Em 1999, a revista *The Economist* descreve-a como «uma facilitadora de consensos, construtora de coligações, conciliadora... em nenhum sítio mais à vontade



Nicole Fontaine recebe três mulheres afegãs que abandonaram Cabul clandestinamente para protestar contra o tratamento das mulheres no seu país, 3 de maio de 2001.

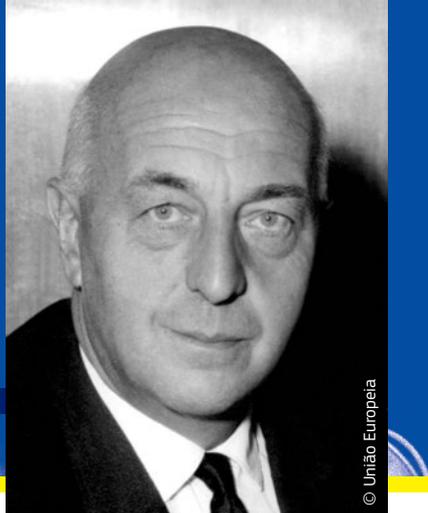
do que nos corredores bizantinos da Europa, angariando o apoio de todos os partidos, sorridente, provocando o compromisso».

Trabalhando incansavelmente em prol do diálogo e da paz, Nicole Fontaine reúne os presidentes dos parlamentos israelita e palestino para um aperto de mãos histórico em Estrasburgo, em 2000. Em abril de 2001, convida o Comandante Ahmad Shah Massoud, vice-presidente do Afeganistão, a deslocar-se a Estrasburgo para falar sobre a situação no seu país. Mostra-se particularmente preocupada com a situação das mulheres afegãs. No mês seguinte, convida três mulheres que tinham escapado secretamente de Cabul para dar o seu testemunho ao Parlamento Europeu. Descreve a reunião como um dos «momentos mais tocantes» da sua presidência.

Nicole Fontaine recebe vários prémios pela sua devoção aos ideais europeus, entre os quais a Medalha Robert Schuman e o título *Commandeur dans l'Ordre National du Mérite* (Comendador da Ordem Nacional do Mérito).

Sicco Mansholt

1908-1995



© União Europeia

Membro da resistência neerlandesa durante a Segunda Guerra Mundial, Sicco Mansholt é testemunha dos horrores da fome que assola o país no fim do conflito. Agricultor antes da guerra, Mansholt socorre-se da sua experiência para desempenhar o seu novo cargo de ministro da Agricultura no governo neerlandês do pós-guerra.

Perante uma terrível escassez de alimentos e a ameaça de uma crise, Mansholt toma várias medidas para restabelecer rapidamente as reservas alimentares, apercebendo-se, simultaneamente, da necessidade de modernizar a agricultura a fim de evitar futuras situações de escassez. Fixa preços mínimos para os produtos agrícolas mais importantes, conjugando essa medida com a aplicação de impostos sobre a importação e apoios à exportação.

A uma escala mais alargada, Mansholt está convencido de que a Europa tem de se tornar autossuficiente e da necessidade de garantir o abastecimento estável de alimentos a preços acessíveis para todos.



Sicco Mansholt participa numa sessão no Parlamento Europeu em Bruxelas, em junho de 1987.

Em 1950, elabora um plano de criação de um mercado comum europeu para os produtos agrícolas, com uma estrutura governativa supranacional. Este plano serve posteriormente de inspiração para a política agrícola da Comunidade Económica Europeia.

Mansholt põe em prática os seus planos de uma política agrícola comum quando se torna comissário responsável pela Agricultura na primeira Comissão Europeia, em 1958. As suas propostas deparam-se, inicialmente, com alguma oposição por parte dos agricultores e dos seus representantes políticos, convencidos de que esta abordagem comum ameaçaria a sua subsistência e só as grandes explorações conseguiriam sobreviver.

São muitos os obstáculos a vencer para se chegar a acordo sobre uma política europeia comum, mas Mansholt não desiste e, em 1968, a Comissão publica o «Memorando sobre a reforma da política agrícola comum», também conhecido por «Plano Mansholt». Este plano afirma essencialmente que, para a agricultura prosperar, os agricultores têm de se modernizar. Essa modernização asseguraria a produtividade e permitiria aos agricultores europeus tornar-se autossuficientes.

Anna Lindh

1957-2003

© União Europeia



Ylva Anna Maria Lindh inicia a sua atividade política na juventude e é uma das figuras mais influentes da política sueca moderna. Anna Lindh nasce em 1957 e estuda Direito na Universidade de Uppsala. Em 1982, é eleita para o Parlamento. Ocupa, 12 anos mais tarde, o seu primeiro lugar no Governo como ministra do Ambiente.

Em 1998, é nomeada ministra dos Negócios Estrangeiros no governo do primeiro-ministro Göran Persson. Os meios de comunicação social chamam-lhe «princesa herdeira de Persson», já que tudo indica que o dirigente sueco a prepara para vir a ser a sua sucessora à frente dos destinos do partido e, mais tarde, do país.

Anna Lindh tem a reputação de ser uma pessoa direta que não receia tecer críticas abertas, sobretudo quando se trata de direitos humanos. Em Moscovo, critica severamente a atuação da Rússia na Chechénia; é também uma acérrima defensora da solução assente na coexistência de dois Estados no Médio Oriente e uma forte oponente da política do então primeiro-ministro israelita,



Anna Lindh, ministra dos Negócios Estrangeiros, e Göran Persson, primeiro-ministro da Suécia, em Atenas, na cerimónia de assinatura do Tratado de Adesão dos Futuros Estados-Membros da UE, 16 de abril de 2003.

Ariel Sharon, em relação aos Palestínianos. Opõe-se à guerra com o Iraque por não existir, para o efeito, uma decisão das Nações Unidas e critica duramente os Estados Unidos pelo tratamento dos presos de Guantánamo.

Desempenha um papel importante no desenvolvimento da presença da Suécia na União Europeia, no período em que preside às reuniões dos ministros dos Negócios Estrangeiros durante a Presidência sueca do Conselho, em 2001. Em 2001, quando têm início os conflitos na antiga República jugoslava da Macedónia (atualmente Macedónia do Norte), Anna Lindh, na qualidade de enviada especial da Europa, desempenha um papel fundamental na conciliação das correntes da política externa da UE, geralmente díspares, numa ação harmonizada que contribui para evitar a guerra.

Anna Lindh manteve-se resolutamente pró-europeia ao longo de toda a sua carreira. É uma das principais figuras da campanha do referendo sueco sobre a adoção do euro, em 2003. Em 10 de setembro de 2003, é barbaramente atacada em Estocolmo por um homem armado com uma faca, três dias antes do referendo. Faleceu no dia seguinte.

Onde posso obter mais informações?

Há centenas de **centros de informação Europe Direct** em toda a União Europeia. Pode encontrar o endereço do centro mais próximo em:

https://europa.eu/european-union/contact/meet-us_pt

Pode contactar o Europe Direct:

- pelo telefone gratuito: 00 800 6 7 8 9 10 11 (alguns operadores podem cobrar estas chamadas),
- pelo telefone fixo: +32 22999696, ou
- por correio eletrónico, na página: https://europa.eu/european-union/contact_pt

Estão disponíveis informações sobre a União Europeia, em todas as línguas oficiais da UE, no **sítio Web Europa** em: <https://europa.eu>. Consulte também o [Relatório Geral](#) sobre todas as atividades da UE em 2020.

As **publicações da UE**, quer gratuitas quer pagas, podem ser descarregadas ou encomendadas no seguinte endereço:

<https://op.europa.eu/pt/publications>

Para ajuda e aconselhamento de cidadãos e empresas da UE, visite **Your Europe**:

<https://europa.eu/youreurope/index.htm>

Para material didático, jogos e passatempos, visite **Espaço de aprendizagem**:

https://europa.eu/learning-corner/home_pt

Descubra o **Portal da Juventude** em: https://europa.eu/youth/EU_pt

A **Comissão Europeia** no seu país:

https://ec.europa.eu/info/about-european-commission/contact/representations-member-states_pt

O **Parlamento Europeu** no seu país:

<https://www.europarl.europa.eu/at-your-service/pt/stay-informed/liaison-offices-in-your-country>

A **Rede de Centros Europeus do Consumidor**:

https://ec.europa.eu/info/live-work-travel-eu/consumer-rights-and-complaints/resolve-your-consumer-complaint/european-consumer-centres-network-ecc-net_pt

